

# O BERTO da GRENHA

Director — HUGO D'ALMEIDA

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

Redacção e Administração — Rua de Santo António, 119

Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

Propriedade da Empresa

## RECEITAS MUNICIPAIS

## A' MARGEM

*E'* costume velho atribuir ao município a responsabilidade de todas, ou de quasi todas, as deficiências que se observam nos serviços e bens de utilidade pública local, sem se querer saber se são ou não da sua competência. Na opinião da maioria é a Câmara Municipal que tem o dever de remediar todos os males públicos e até particulares. Poucos ou nenhuns se importam de saber se o município tem capacidade para realizar aquilo que se diz ser da sua obrigação.

Bom seria que os críticos valorosos da administração municipal se inteirassem da situação financeira do município antes de se abalançarem a propor os miríficos planos que transformariam dum jacto o nosso concelho tornando-o o mais progressivo de todo o país. Para que os munícipes tomem conhecimento das condições em que se realiza a administração camarária vamos fornecer-lhes alguns dados sobre o orçamento municipal. Começaremos pelas receitas.

Se compulsarmos o orçamento da Câmara de Guimarães para o ano corrente, verificaremos com certa admiração, que o total das receitas previstas atinge a quantia de 3.468.810\$80, quasi três mil e quinhentos contos. Como nos anos anteriores as receitas orçamentais nunca atingiram a soma de 2.500 contos, é preciso explicar esta diferença.

E' que, para o ano corrente, se contou com uma receita de 500 contos proveniente dum empréstimo a contrair na Caixa Geral dos Depósitos, destinado ao Bairro Económico de Urgez. Esse empréstimo realizou-se e o seu produto foi entregue à Repartição das Casas Económicas para a referida construção, que está, como é sabido, em plena execução. Previu-se também uma receita de 200 contos a pagar à Câmara pela Repartição das Casas Económicas, como compensação pelas despesas de compra do terreno destinado ao bairro e sua urbanização. Esta verba, quando fôr recebida, será integralmente dispendida com aqueles encargos.

Consta igualmente da receita, pela primeira vez, a importância de 100 contos em que se calcula o rendimento do imposto de trabalho em todas as freguesias do concelho, rendimento que será entregue na sua quasi totalidade às mesmas freguesias, quer em trabalho quer em dinheiro, consoante fôr cobrado. E' receita exclusivamente destinada a este fim e não pode ser desviada para qualquer outro.

Figuram, finalmente, no orçamento da receita 502.904\$20 de participações a receber do Estado por obras realizadas ou a realizar em regime de participação. E' uma receita extraordinária que se não perceberá integralmente visto que a concessão de participações esteve suspensa durante alguns meses e ainda assim continúa quanto ao Fundo do Desemprêgo.

Para calcularmos as receitas ordinárias da Câmara Municipal de Guimarães devem deduzir-se da receita total as verbas mencionadas, cuja soma se vê no quadro seguinte:

1. Empréstimo para construção do Bairro Económico . . . . .	500.000\$00
2. Compensação a receber da Repartição das Casas Económicas para compra e urbanização dos terrenos do Bairro Económico . . . . .	200.000\$00
3. Rendimento do Imposto do Trabalho . . . . .	100.000\$00
4. Participação do Estado . . . . .	502.904\$20
	<hr/>
	1.302.904\$20
Deduzindo do total das receitas . . . . .	3.468.810\$80
As indicadas acima (extraordinárias) . . . . .	1.302.904\$20
	<hr/>
Temos as receitas ordinárias de 1936 . . . . .	2.165.906\$60
Nesta receita estão incluídas certas importâncias que a Câmara arrecada por conta do Estado e doutras entidades a quem depois as entrega. Somam eles 169.997\$60 que devemos abater àquela receita . . . . .	2.165.906\$60
Para encontrarmos a receita ordinaria que pertence de facto à Câmara . . . . .	169.997\$60
	<hr/>
	1.995.909\$00

Como se vê, não atinge 2.000 contos e por feliz se pode dar a Câmara se, no meio da crise que se atravessa a previsão não errar muito por excesso. — J. S.

**O escudo — escudo...** os franceses cautelosos, previdentes, acérrimos defensores do seu pé de meia, quando se desencadearam as últimas greves correram logo aos cambistas e bancos (notícia perdida na maré cheia dos telegramas do estrangeiro) para adquirir moedas consideradas sólidas, à prova de fogo... e pesadelos...

Foi assim — facto inédito — que os nossos escudos desapareceram por completo do mercado francês ao fim do primeiro dia de greve.

Nem as próprias amostras das vitrines dos cambistas puderam escapar...

Responder-se-á que o diminuto quantitativo de escudos existentes em França não justifica o comentário talvez... Mas a verdade é que tal acontecimento nunca se poderia ter dado aqui há uns sete ou oito anos.

Como poderia então ter desaparecido o que ainda não existia? Não.

Digam o que disserem, o que nunca se pensou ou sonhou foi que o nosso escudo o fôsse, isto é, que viesse a servir de escudo a quem durante tanto tempo o ignorou ou o desprezou...

CARDEAL DIABO.

(Do Diário de Notícias).



**Que pensa do comunismo?** (opinião de Aquilino Ribeiro). — «E' uma grande experiência dolorosa na Rússia, que tem atravessado anos de martírio na expectativa duma cousa nova, duma vida melhor.»



**Galiza** realiza o plebiscito sobre a autonomia da Galiza. Eternamente cativa a uma raça que não era a sua, a, esar do tempo, jamais sua individualidade se acomodou à psicologia espanhola.

Não rode Portugal, irmão de raça, língua e cultura, povos da mesma Lusitânia Antiga — acolher com simpatia o resultado desse plebiscito.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



# DA CIDADADE

## SOCIEDADE

### PARTIDAS:

Partiu para Vichy com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso prezado assinante e amigo, sr. Antão de Lencastre, digno director da filial nesta cidade do Banco de Portugal.

### DE VISITA:

Encontram-se entre nós os srs. João de Cerqueira Vasconcelos e Hildebrando de Vasconcelos de visita ao sr. Arnaldo Alpoim.

— Esteve entre nós o sr. Manuel M. Barreiro, major do R. I. n.º 8 de Braga.

— De visita a sua mãe, está nesta cidade o negociante portuense sr. Francisco Teixeira de Carvalho.

— Nesta cidade, encontra-se o sr. Américo Ferreira, de Famação.

### ANIVERSÁRIOS:

Fez anos, no passado dia 7, o sr. tenente Cruz.

— Durante a próxima semana, fazem anos o ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco Aldão, o menino Manuel Gaspar Mota Prego de Faria e a menina Maria do Carmo Freitas do Amaral Lobo Machado.

## Música no jardim público

A interessante deliberação da actual e posteriores vereações de contratarem nos meses de Julho, Agosto e Setembro a reputada banda dos Bombeiros Voluntários para no coreto do jardim público proporcionarem à nossa população citadina, nas noites dominicais de verão, horas de arte e recreio, enraizou-se nos nossos hábitos e tornou-se uma distracção favorita.

Além do seu objectivo de recreio popular esta iniciativa alenta e estimula uma banda, apesar da insignificância da gratificação, que constitue um dos melhores conjuntos artísticos da nossa Terra.

Que o exemplo dos anos anteriores seja mais uma vez perfilhado, pela Ex.<sup>ma</sup> Comissão Administrativa da Câmara Municipal, são os desejos de toda a população vimaranense.

## Exames

Principiam no próximo dia 20 os exames de admissão aos liceus.

## VIDA CATÓLICA

### Evangelho:

*Naquele tempo, estando Jesus acompanhado por grande multidão de povo que não tinha nada de comer, chamou os discípulos e disse-lhes: — Tenho compaixão deste povo que há três dias, já, está comigo e não tem que comer. Se os deixo ir em jejum para casa, cairão de fraqueza pelo caminho, porque alguns vieram de longe. — Os discípulos responderam: como poderemos encontrar neste deserto bastantes pães para os saciar? Jesus interrogou-os: quantos pães tendes vós? Eles responderam: temos sete. Então Ele ordenou à multidão que se sentasse no chão. Depois, recebeu os sete pães em suas mãos, deu graças a Deus, partiu-os e deu-os aos discípulos, para que os distribuissem pelo povo. Havia ali também alguns poucos peixinhos. Ele os abençoou e mandou que os discípulos os distribuíssem. Então todos comeram até ficarem saciados; e sendo recolhidos os restos, ficaram cheios sete cestos. Eram cerca de quatro mil aqueles que comeram! Depois Jesus mandou os retirar.*

(S. Marcos, cap. VIII, 1-9).

### Considerações:

*Misereor super turbam.*—Tenho compaixão deste povo, exclamou Jesus, ao ver uma multidão de quatro mil pessoas que o seguiam sem comer, desde há três dias. Nestas palavras Jesus exprime a bondade do seu coração; e não se limita às palavras, mas vai às acções. O milagre a que se refere a parte do Evangelho acima transcrito prova bem claramente a generosidade com que o Divino Mestre recompensa a confiança que nEle depositamos e o seguimos através dos maiores sacrifícios.

*Misereor super turbam.*—Continua Jesus a manifestar esta compaixão na abundância do pão material e espiritual, que cada dia distribue pelos homens, apesar de tantos pecados e revoltas deste contra seu Criador e Bemfeitor. E' um milagre este que por ser de todos os dias não é assaz compreendido nem agradecido pela multidão beneficiada. E' certo que não é dada igual abundância de bens materiais a todos os homens; mas àqueles a quem mais dá, o Senhor lembre os seus preceitos de justiça e caridade; o primeiro, que mande pagar o devido salário aos que trabalham; e o segundo, que mande socorrer os que não podem trabalhar.

E o Santo Padre, o Papa, Vigário de Cristo na terra fiel à sua missão de Pai da Cristandade, repetidas vezes tem recordado estes graves deveres cristãos de dar pão aos que dEle estão famintos.

Que estas palavras vão ferir os corações daqueles que de Deus receberam mais do que o necessário à vida e distribuam mais generosamente o supérfluo pelos necessitados.

## Romaria de S. Torcato

Realizou-se no domingo preterito a grandiosa Romaria de S. Torcato, que à semelhança dos anos anteriores atraíu milhares de forasteiros de todos os pontos do país.

O programa delineado foi brilhantemente cumprido.

De tarde saíu uma sumptuosa procissão com inúmero figurado, que percorreu o largo à volta do Mosteiro.

A imprimir grandeza a este número festivo, seguiam atrás do cortejo os tradicionais carros da procissão de S. Torcato, engalanados a capricho.

A' noite as iluminações eléctricas produziram um efeito deslumbrante.

O fogo, confiado a afamados

## Exames do 2.º grau

Nas Escolas Centrais principiam no dia 15 os exames de 2.º grau.

Pelos professores das escolas da sede, em Santa Luzia, foram propostos 57 alunos do sexo masculino e 25 do sexo feminino.

pirotécnicos, foi prejudicado pela espessa cerração.

Toda a noite cantou-se e folgou-se com animação e ruídos alegria.

O fundo rapioqueiro do nosso povo manifestou-se exuberantemente.

Fez-se muito negócio.

## Informações

Em cumprimento do art. 19.º do Dec. 26.338, de 5 de Fevereiro de 1936, devem os proprietários, usufrutuários ou possuidores de prédios urbanos, que continuam devolutos renovar no próximo mês de Julho a declaração estabelecida no art. 2.º do Dec. 20.549, de 25 de Novembro de 1931.

— Informa-se também que os proprietários de prédios urbanos novos, reconstruídos, modificados ou melhorados que tinham ficado concluídos ou tenham sido considerados habitáveis depois de Fevereiro do ano findo, devem apresentar na secção de Finanças durante o mês de Julho próximo, uma declaração em duplicado, por cada prédio em impresso próprio conforme o medelo anexo ao Dec. 16.731.

As assinaturas das declarações a rogo deverão ser reconhecidas por notário ou pela autoridade administrativa e são isentas do selo, bem como o seu reconhecimento, pelo qual também não são devidos emolumentos.

Durante este mês de Julho, devem os contribuintes de Contribuição Industrial, com sede da sua indústria ou comércio neste concelho apresentar na Secção de Finanças declarações conforme os modêlos 1 e 2 anexos ao Dec. 24.916, de 10 de Janeiro de 1935 e como determinam os arts. 1.º e 9.º deste Decreto.

Devem também os contribuintes do imposto profissional e entidades referidas no art. 67.º do Dec. 16.731, apresentar as declarações referidas nos arts. 66.º, 67.º e 76.º do referido Decreto, conforme os modelos anexos ao mesmo.

As declarações são feitas em duplicado, a fim de um dos exemplares ser restituído, com recibo, ao apresentante, e a sua falta é punida com multa igual a 10 por cento da contribuição que fôr devida, não podendo exceder 5.000\$00.

Os contribuintes que no ano anterior apresentaram as referidas declarações e que não têm alteração em qualquer das suas indicações não carecem de renová-las.

**Dr. J. Castro Ferreira**

MÉDICO

Ausente até 30 de Julho



## INSINUAÇÕES VIS

Iniciamos a publicação de *O Berço da Grei* há seis meses, mercê do pagamento adiantado, por dois anos, de 30 vimaranenses.

Com este escasso pecúlio, comprova-se claramente a «fartura» que jornalistas de baixa estôfa nos atribuem.

Como não tivéssemos publicado, por motivos já expostos, o nosso jornal uma semana, logo os bairristas-jornalistas, apressaram-se a declarar em sabujas insinuações, convencidos da definitiva suspensão de *O Berço da Grei*, invocando o «*largo auxílio pecuniário emprestado ao prazo de 2 anos*», que «*não se trata positivamente do conto do vigário, mas nas suas voltas encontraremos motivos para o considerar como tal...*»

Nesta hora solene, em que a cidade de Guimarães presta homenagem a um seu filho ilustre, que classificou estes sabujos do jornalismo de «escória da sociedade», colhamos da acção jornalística do saudável P.<sup>c</sup> Gaspar Roriz a lição de civismo, lealdade e nobreza que ela encerra e desprezemos estes cabotinos da imprensa que em peçonhentas insinuações demonstram que são capazes de trocar as letras do termo sagrado — alma —, para o transformar em lama.

## «Festas Gualterianas»

Sangra o coração dos colaboradores de João de Melo, Costa Soares e João Gualdino Pereira, que em prol do brilhantismo das «Gualterianas» trabalharam com amor e entusiasmo!

Choram os vimaranenses, ante a atitude de indiferença e desinteresse da actual direcção da Associação Comercial e Industrial pelas «Festas da Cidade»!

Filhos de Guimarães, com uma larga fôlha de serviços à Terra, lamentam, confrangidos, o repúdio da actual direcção da Associação Comercial e Industrial pelo *faustoso* auxílio monetário da Câmara Municipal!

Em face desta «ajagada e vil tristeza», evoca-se, com saúde e respeito, a memória sagrada de João de Melo, João de Freitas Costa Soares e João Gualdino Pereira.

E que faz a actual direcção da Associação Comercial e Industrial?

Reflectiu, reconsiderou, penitenciou-se?

Deite mais uma nota oficiosa para afirmar, com regosijo, que cumpriu o seu dever!

Isto não se comenta, regista-se com amargura e desolação!

# Uma atitude «bairrista»,

No louvável intuito de ouvir as sugestões dos organismos locais sobre a elaboração de um programa amoldado à verba determinada para as Festas, a comissão organizadora das Feiras Francas de S. Gualter convocou uma reunião dos representantes das colectividades e da imprensa, que se realizou na terça-feira passada, pela 10 horas, no edifício do salão nobre da Câmara Municipal, com a presença dos Srs. José Pina, 1.<sup>o</sup> Comandante dos Bombeiros; Amadeu Carvalho, Presidente da Direcção do Vitória; José Gilberto Pereira, em nome do Turismo; Silvério Alves de Sousa, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Guimarães; António Laranjeiro dos Reis e Luiz Alijó de Lima, pela Direcção da Secção do Sindicato dos Empregados de Comércio; Humberto Guimarães, pelo Club dos Caçadores e representantes da imprensa.

Presidiu o Sr. A. L. de Carvalho, secretariado pelos Srs. Casimiro Martins Fernandes e António Emílio Ribeiro, que em nome da comissão organizadora apelou para a coadjuvação da imprensa e organismos locais, certo de que todos se unirão na execução de um programa modesto, que outro fim não visa senão movimentar o comércio lojista.

O Sr. António Emílio Ribeiro delineou os números festivos das Feiras Francas a S. Gualter, que submeteu à apreciação da assemblea, afirmando que a comissão está ali para aceitar qualquer alvitre que possa contribuir para maior brilho e luzimento das Festas.

Levanta-se o Sr. Presidente da actual Direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.

Sua Ex.<sup>a</sup>, ante o pasmo das pessoas presentes começa a desfiar a acidentada história das Festas da Cidade, espraia-se em considerações, e conclue por afirmar, em termos perentórios, que a actual Direcção da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, *não colabora* nas Feiras Francas de S. Gualter.

Na fisionomia de todos estava esculpida a expressão do espanto.

A comissão organizadora das Feiras de S. Gualter convidou os organismos locais para a auxiliar na execução dos seus trabalhos.

Quem não queria prestar o seu concurso ficava em casa ou ia para as mesas do café apregoar bairrismo.

O Sr. Presidente da Associação Comercial não entendeu assim.

Subiu a Calçada das Trinas, as escadas da «Domus Municipalis», entrou no salão nobre da Câmara Municipal para afirmar, ante o espanto de todos, que escusam de contar com a coadjuvação da actual direcção da Associação Comercial e Industrial, por que não colabora nas Feiras Francas de S. Gualter.

O Sr. Presidente da Associação Comercial estava dentro da lógica.

Depois de ter rejeitado a maçada das Gualterianas, a Associação Comercial não estava para aturar a trabalheira das Feiras Francas.

O que o bom senso aconselhava era que, já que não pretendiam prestar o concurso à comissão organizadora das Feiras, não fôsem à Câmara entrar os trabalhos dos que em nome dos interesses de Guimarães aceitaram a incumbência da realização das Feiras.

Bairrismo, Festas Gualterianas, amor à Terra, tretas, lérias, apenas personalismos doentios e visões tãcanhas.

## A' MARGEM

### Organização Nacional da «Mocidade Portuguesa»

Já deve estar em Outubro próximo, organizada a falange da juventude portuguesa.

Ela começará os seus trabalhos com toda a intensidade, abrangendo desde já 200 mil jôvens.

Visando a formação duma mentalidade nova, esperança do futuro das Pátrias, esta organização nacional destina-se ao revigoreamento mental e físico da mocidade: à formação do carácter e amor à Pátria; à robustez do sentimento da cultura do corpo, da disciplina e culto do dever militar.

A' liga «Obra das Mães pela Educação Nacional» compete a cargo da formação da falange feminina da «Mocidade Portuguesa».

Amanhã, quando essa juventude atravessar garbosa em romagem aos lugares santos do Império, ao vê-la, gritemos bem alto:

A Revolução continua!  
Portugal é eterno!



### A conferência do Império

A idea mesquinha, filha dum século parvo, do Portugal pequenino vai-se diluindo a pouco e pouco da gente portuguesa.

A exposição do Pôrto, marcou o início das realizações pro-império. Foi lição viva das realidades das nossas províncias ultramarinas.

De novo se desvanece a lenda do novo «mar tenebroso» — as províncias do ultramar já não são como até aqui colónias que serviam só para pretos e bandidos!

Elas são bocados desta nossa mesma Pátria, una e indivisível: Imperial.

E lá também poderemos labutar o «pão nosso de cada dia» e trabalhar para a grandeza da Pátria.

As conferências organizadas pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Ministro das Colónias, continuaram a obra encetada.

Ainda não se sumiu o éco delas e de novo aparece a palavra Império com a realização da Conferência Económica do Império Colonial.

Esta conferência que deixou os moldes antigos da retórica, entrou abertamente no campo da acção, das realizações práticas.

E' assim, estudando e realizando, que o Estado Novo trabalha.

Na conferência estavam representadas todas as províncias ultramarinas.

E assim desapareceu a idea de que Portugal é um país pequeno.

E Portugal, vasto Império, aparece-nos com:

mais de dois milhões de quilómetros quadrados;

mais de quinze milhões de habitantes.



## Claramente

Porque escrevi um desprezível artigo no último número do *Berço da Grei*, acusando os inimigos da Organização Corporativa e apontando entre eles pessoas que não deviam — por coerência com a sua ideia — andar misturadas com eles, o sr. Alves de Oliveira enterrou a carapuça e vá de mandar uma carta ao nosso director, chamando-me cousas feias e dizendo cousas que se não percebem claramente.

Abençoada carta, porque o sr. A. de Oliveira longe de desfazer a acusação que lhe fiz — e com autoridade para isso porque já fomos camaradas — tira a capa de santo com que andava coberto e mostra-se tal qual é.

O nosso director melhor do que eu analisou a carta do sr. Alves de Oliveira.

No entanto não posso deixar sem reparo uma passagem dessa carta em que se refere a «um sr. A. Malheiro que não sei quem seja nem me interessa para o caso».

Então já não conhece o A. Malheiro?

Não admira.

Então o sr. já se não lembra do dia 28 de Maio de 1933?

Não se lembra de quem foi animar os seus camaradas para castigar os discolos que nos insultavam na rua Gravador Molarinho, instigados pelos seus «amigos de agora»?

Não se deve lembrar, não, porque se não me engano, o sr. Alves fechou-se na sede, ou fugiu pelas traseiras.

Como está amnésico!

Agora compreendo a razão porque o sr. empresta o brilho da sua pena ao jornal do *Bairrisimo*.

Tudo falta de memória!

O sr. A. de Oliveira está tam falto de memória que na sua carta faz alusão a uma comissão do centro católico ou não sei quê — que não vinha nada para o caso — esquecendo ou fingindo esquecer que os que trabalham no *Berço da Grei* nunca pertenceram a qualquer centro católico — não sabendo nós onde quer chegar.

Sem culpas no passado, alheios a compromissos com quem quer que seja — nós, modestos soldados da Revolução, revoltamo-nos contra os saudosos do Passado, — dessa noite negra de regabofe partidário — contra os ambiciosos e fingidos defensores dos trabalhadores que fazem côo com a anti-Nação. Contra estes, nós não desarmaremos.

Pela emancipação dos trabalhadores, pela «revolta dos escravos» que o sr. andou a apregoar e depressa esqueceu, acusamos porque temos razão.

Não queira sr. A. de Oliveira

## “PATRIA NOSTRA”

*Eh lá, Rapazes! ala! arriba! ala!  
— A' prôa! à pôpa! à gávea rema!*

*Orça!*

*Connosco vai a primitiva força  
Do lusiada nauta.*

*O mar embala*

*O génio ocidental...*

*— Portugal! Portugal!*

*Amarra de um século? cortai-a,  
Ao firme golpe dum instante...*

*— Larga!*

*«Por nosso Deus e nossa Pátria». Este é,*

*Supremo, irrevocável,*

*O marulhar estuante*

*Das ondas em maré;*

*Esta a Voz-Almirante,*

*Esta a Voz-Condestável:*

*«Por nosso Deus e nossa Pátria»...*

*— Larga!*

*Quem oscila e desmaia?*

*Quem não quer ir?... que fique*

*Na salsugem amarga,*

*Na babugem da praia.*

*António Correia de Oliveira.*

## A carta do Sr. Alves de Oliveira

Como um dos alvejados pela verrina facciosa e truculenta que a carta do sr. Alves de Oliveira, publicada no n.º 25 de *O Berço da Grei*, esvurma injustamente sobre o pequeno grupo do Centro Católico que fez parte da última Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, antes do 28 de Maio, altiva e indignadamente repudio a afronta que se quer lançar, pois nem a mim, nem aos meus colegas do C. C., que constituíram a minoria dessa Comissão Administrativa, o sr. Alves de Oliveira sequer, ao de leve, consegue salpicar.

Se o signatário destas linhas consentiu em que o seu nome figurasse na lista da minoria da Câmara de então, não foi, vendendo a sua independência e o

pertencer a esta *Grei*, não queira, não.

Obedeça ao chefe em tudo e bem.

Siga o seu exemplo.

Alie-se a democraticos que os trabalhadores como eu ficam a conhecê-lo melhor e classificá-lo como merece.

E apesar de tudo, sem o sr. A. de Oliveira e os seus «amigos de agora», isto irá por Deus.

A. MALHEIRO.

No meu último artigo saíu «ao detractor de Sardinha», em vez de «o detractor de Sardinha». — A. M.

carácter, e com o único intuito de prejudicar os candidatos monárquicos, como diz, mas exclusivamente para, em obediência à directriz do C. C., de que fazia parte o actual presidente do ministério, Sr. Dr. Oliveira Salazar, bem servir Guimarães, pugnando e zelando o seu progresso e acudindo atentamente, o melhor possível, às suas legítimas aspirações.

Mas... que acto ou deliberação houve durante esse curto período administrativo que dê alma ou confirme a malsinação do Sr. Oliveira?

Porventura as vereações que lhe sucederam encontraram alguma cousa que merecesse censura e reparo, por menos honesta e digna? Como, onde e quando se prejudicaram, então, os monárquicos?

E' que a ferida é outra.

Aos senhores o que repugnava era que os Católicos não hostilizassem, por todos os meios e processos, a república, como se a república fôsse culpada dos desmandos e erros perpetrados por bastantes dos seus servidores. A orientação do episcopado era apelidada e considerada por muitos monárquicos de vulto como nefasta e, por vezes, conivente nos infortúnios por que o desatino de maus portugueses fez passar a nossa Pátria. E este erro de visão, talvez fruto do ódio votado ao regime republicano, levou os monárquicos a olharem vespugamente, se não com

## Receitas Municipais

O Estado Novo encetou em Portugal a política de verdade.

Com clareza e inteligência, todos os anos Salazar demonstra ao país a origem das receitas e a aplicação dos dinheiros do Estado.

Nunca, no chamado governo da opinião pública, com parlamentares palavrosos, o povo soube como hoje onde se arrecadam e gastam os seus dinheiros.

Instaurada a política financeira de verdade no Governo da Nação, logo, por directa influência, os Municípios integraram-se no exemplo vindo de cima.

J. S., homem culto e estruturalmente honesto, que entre nós segue com a maior fidelidade a política de verdade que Salazar inaugurou no nosso país, inicia hoje nas colunas de *O Berço da Grei*, uma série de artigos sobre a vida financeira do nosso Município, que conhece em toda a extensão.

## INVESTIGAÇÕES

Esteve em Riba de Ave a proceder a um inquérito sobre as condições político-sociais do meio, um agente da policia de vigilância e defesa do Estado.

## «O Berço da Grei»

Pedimos encarecidamente a todos os nossos prezados assinantes a rápida liquidação dos recibos do 2.º trimestre deste semanário.

desdém, os que, acima de tudo, punham «Deus e Pátria».

Acaso, Portugal, para ser grande e respeitado, terá que vestir novamente a libré monárquica? Não o poderá vir a ser sob a forma republicana?

\*

Emquanto ao uso de livro na missa, também o sr. Alves de Oliveira não atinou com a cabeça em que pretendia enfiar a carapuça. E, de resto, afigura-se-me ousadia degradante querer deturpar as intenções de quem quer que seja, pela simples razão de proceder de forma diversa da que nos é querida ou simpática. *Fazem-no por exhibicionismo, como prová-lo?*

Até apetece soltar-lhe a frase de Apeles...

M. FREITAS.



# HOMENAGEM AO PADRE GASPAR RORIZ

## Programa das homenagens ao P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz

É amanhã que a cidade de Guimarães, numa unisona manifestação de saudade e gratidão, consagrará a figura nobilíssima do p.<sup>o</sup> Gaspar Roriz, sacerdote exemplar, cidadão inultrapassável, inteireza de carácter, poeta de estro inspirado, orador de altos vãos tribunicios e vimaranense sempre ao serviço da sua Terra.

O programa está assim delineado:

A's 10 horas, no templo de S. Francisco, uma missa por alma do p.<sup>o</sup> Gaspar Roriz, celebrada por Mgr. Tôres Carneiro, amigo dilecto do homenageado.

A's 10,30, efectuar-se-á, na antiga rua de S. Francisco, o desceramento da lápide «Rev. P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz».

Usarão da palavra nesta sole-nidade um membro da C. Administrativa da Câmara Municipal e o poeta sr. Jerónimo de Almeida, presidente do «Grupo Dramático P.<sup>o</sup> Gaspar Roriz».

A's 11 horas, realizar-se-á a romagem ao cemitério, na qual tomarão parte as autoridades locais, organismos civis e religiosos, escolas, colégios, casas de caridade e 3 bandas de música.

O sr. Jerónimo Sampaio, amigo do saudoso p.<sup>o</sup> Gaspar Roriz pronunciará um discurso em que evocará a personalidade do homenageado.

A's 16 horas, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, realizar-se-á a sessão solene, em que serão oradores os srs. Dr. Eduardo de Almeida e rev. Dr. Cândido Abílio de Almeida Gomes, antigo capelão militar.

A distinta professora ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosa Nobre, recitará a poesia «A Minha Mãe» da autoria do p.<sup>o</sup> Gaspar Roriz.

O sr. Jerónimo de Almeida, recitará a poesia «Sonho Oriental».

No salão de Festas da Escola Industrial e Comercial, pelas 21 horas, realizar-se-á um sarau dramático, em que será levada à cena o «Herói Minhoto», trabalho de subido valor teatral do saudoso p.<sup>o</sup> Gaspar Roriz.

Nesta sessão colaborará o Orfeão de Guimarães sob a distinta regência do compositor Filinto Nina.

Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, delegou no Mgr. João Ribeiro, a sua representação nas homenagens póstumas ao p.<sup>o</sup> Gaspar Roriz.

## Um ramalhete de flores silvestres

Convida-me o ex.<sup>mo</sup> Director dêste semanário a escrever um artigo de homenagem ao saudoso vimaranense Padre Gaspar Roriz, dizendo-me que foi dilecto amigo do Sacerdote ilustre, que tanto honrou a classe eclesiástica e a sua terra.

Em verdade, nutri e alimento pelo inolvidável Padre Roriz afeição verdadeira e constante.

Mas, por isto mesmo, eu devia calar-me.

De personalidades venerandas e prestigiosas como a dêsse morto ilustre ou deve falar-se convenientemente, ou deve ficar-se... em pé de continência, perfilado, em posição de sentido, em augusto silêncio.

Devia ser esta a minha atitude, porque seria a mais respeitosa e a mais eloquente, visto que, em palavras, raras vezes são eloquentes as verdadeiras afeições, como alguém sentenciou.

Mas, para agradecer o convite com tanta gentileza formulado, tenho de escrever, lamentando somente a falta de arte condigna para falar dum Padre-Artista, como foi Gaspar Roriz.

Outros, por certo, vão cantar elegias, enaltecendo a sua memória com justiça e encantadora beleza.

Por mim, apenas, em lineamentos rápidos, evocarei do passado — à luz da saudade, «clarão enorme, que nos ilumina», como disse Herculano — pequenos episódios — pequenos, mas expressivos — que, desde tamanho, inclínaram minha alma para a alma do sr. Padre Roriz em reverência e inflexível amizade.

Sinto, agora, mais vivamente e enternecidamente perdurar o meu afecto, quanto mais surgem evidências de perfídias, egoísmos, deslealdades e falsificações, nestes dias de moderna civilização equívoca, — dias de «apagada e vil tristeza». E não podia deixar de senti-lo, estabelecendo — como sou naturalmente forçado a estabelecer — o contraste (e contraste flagrante é êle!) entre o presente, — de torcidos e enviezados feitios, acomodando-se, pelintramente, a ridiculas conveniências e esquivando-se a responsabilidades e a generosidades — e o passado, — firme e apumado, terço e rectilíneo, esquecendo-se do próprio interesse para valer à necessidade e à tristeza dos outros.

Eu tinha dezóito anos, — a vida em sonho, como flôr a desabrochar em manhã primavera.

Albano Belino, — o então muito festejado autor da «Arqueologia Cristã» — reunira à sua mesa, em fraternal convívio, meia dúzia de amigos.

Lembro-me de que o dr. Bráulio Caldas, — o Poeta bem querido, no seu tempo, da Academia de Guimarães

Seminário-liceu... Liceu ou seminário? E's o nosso martírio, és o nosso calvário!

o dr. Bráulio Caldas era um dêsse. Numa festa de família, de Albano Belino — sabem-no em Guimarães, quantos são dessa época — não podia faltar o Padre Roriz.

Eu era um rapazinho — e o único — naquele sarau íntimo, de seleccionadas pessoas, — naquela convivência tam familiar, mas onde havia qualquer cousa dominadora, qualquer cousa que se impunha suavemente, que impressionava vivamente, irresistivelmente, mas era cariciante, aprazível como delicada perfume; e, como perfume, invisível, mas de incontestável realidade: — era a elegância dos modos e a elegância moral — uma cousa que vai a morrer e é já hoje considerada anacrónica, bafienta e intolerável.

A-pesar-de rapazinho, eu fôra, pouco antes, vítima duma injustiça, que muito doera à minha sensibilidade e ao meu brio. O pão de cada dia, afinal...

Houve sempre ruindades inexplicáveis, atribuindo facilmente aos outros as vilezas de que são capazes.

Eu não me queixara da injustiça a ninguém, receoso de que tal queixume provocasse nova injustiça, como sói acontecer, — advertia um escritor.

Mas o Padre Roriz conhecera o incidente; e, em palavras vibrantes, como êle sabia falar, — palavras, saídas, a ferver, do seu nobilíssimo coração — procurou desagravar-me, — erguendo o pigmeu diante daqueles gigantes.

Eu seria um hipócrita, se não confessasse que, lisonjeada por aquele momento, a minha vaidade pueril, aumentou, em mim, sem medida, a muita admiração e estima pelo Padre Roriz.

Mais tarde, — porque julgaram o meu calvário um invejável Tabor e procuravam fazer torva a água pura da fonte, que borbulhava e cantava, à florida margem do meu caminho, envenenando-a —, como ao Padre Roriz constasse que eu ia animosamente desafrontar-me, êle foi, de longe, de muito longe,

(Continua na 6.<sup>a</sup> página)

## Festas Gualterianas de 1907

Marcha Milaneza  
(Promovida pelos Empregados do Comércio)

### A's damas vimaranenses

Sois as estrelas formosas,  
Que brilham no céu d'amor!  
Vale mais que o Universo,  
Vosso riso sedutor!

O vosso olhar nos transporta  
A's regiões do sonhar!  
E' por isso, que vós tendes,  
Em cada peito um altar!

Sois uns astros deslumbrantes,  
Sois da vida a eterna luz,  
O vosso todo elegante,  
E' que noss'alma seduz!

Sois a nota mais dolente,  
Da canção da mocidade!  
Sois a glória e orgulho,  
Destas festas da cidade.

P.<sup>o</sup> GASPAR RORIZ

## Para cantar à viola

«Não l'importa» diz teu canto,  
Em acordes mui sentidos;  
Mas eu bem vejo o teu pranto,  
Eu bem ouço os teus gemidos...

Vês além o mar imenso?  
Gigantes ondas no ar?  
Esse teu sofrer intenso  
Tem um espelho no mar.

Como poderei eu dar-te  
Parcelas do meu amor,  
Se o teu coração se parte  
D'encontro à rocha da dor?!

O sol dá seu brilho à lua,  
As estrelas brilho ao céu;  
Só eu não posso ser tua,  
Nem tu poderás ser meu.

Outubro, 1900.

P.<sup>o</sup> GASPAR RORIZ.

## O Padre Roriz em Vila-Real

Foi em 1908.  
Na festa do Coração de Jesus,  
No Recolhimento.  
Prêgava o P.<sup>o</sup> Roriz.  
Em Vila Real é muito apreciada a boa oratória.

Na formosa capital trasmontana o Conselheiro Luiz Lobato era omniomadamente Alguem. E alguém disse ao Professor insigne e ao Médico abalisado que valia a pena ir ouvir o Prêgador de Guimarães.

Luiz Lobato foi, e cá fora disse aos amigos que o escutavam no apreciar do sermão:

Sim, senhor!... Eu pensava que a devoção ao Coração de Jesus era apenas cousa de beatos.

Vejo, afinal, que se trata de um novo Cenáculo digno de todo o apreço.

Sim, senhor!...

G.



# HOMENAGEM AO PADRE GASPAS RORIZ

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5)

## Devemos aos mortos só a verdade!

Julho de 1928.

Guimarães comemora o 8.º centenário da Batalha de S. Mamede.

Um cortejo, em que tomam parte alguns carros alegóricos e no qual se erguem muitos estandartes, dirige-se até junto do Castelo, nas terras vizinhas onde se ferira o memorável prélio de armas que decidiu da independência e formação do reino.

Um pelotão de cavalaria, vestido à época medieval e forças de infantaria, em continência, fazem soar os seus clarins, no momento soleníssimo em que no alto da torre de menagem é içada a bandeira que foi a sigla do Infante D. Afonso Henriques nos campos de S. Mamede.

Da multidão que junto do monumento se premia, irrompem entusiásticas manifestações nacionalistas, acenando-se lenços, gritando-se vivas, dando-se palmas.

Nessa hora sublimada de apoteose à Pátria, pelo rosto do padre Gaspar Roriz corriam lágrimas.

Assim comovido, o lídimo português e ardente vimezanense apertava-me em seus braços, dirigindo-me palavras de aplauso e de apreço ao esforço cometimento daqueles que, haviam promovido uma comemoração cívica, *sem ajudas do elemento oficial, desde o Estado ao Município...*

Foi essa a última vez que o padre Gaspar Roriz falou em manifestações públicas da sua terra. Quando o fazia, o seu verbo era estoante de seiva. Empolgava!

O amor á terra que o viu nascer, foi nêle uma chama sempre viva.

Podendo em si, mais que tudo, a febre de um entusiasmo moço, o bom vimezanense sacrificava a esta *partícula de fogo* — que é vibratibilidade, que é emoção, que é inteligência, que é saúde, que é vida! — todos os seus talentos e virtudes.

Por isso mesmo o padre Gaspar Roriz não deixou de si mais que uma saúde no coração dos seus conterrâneos.

Se êle tivesse querido, deixaria de si uma obra.

Piódigamente se entregava a quantos lhe batiam à porta, anunciando-lhe a «senha» — *Por Guimarães!*

Uma boémia de espírito inal-

## Um ramalhete de flores silvestres

ao meu paradeiro, — foi, apreensivo, aconselhar-me, espontaneamente, à luz da sua esclarecida inteligência, da sua longa e aproveitada experiência e da sua bondosa amizade sincera.

Como vão rareando estes generosos amigos, que velam, atentos; que receiam pelos nossos passos temerários; que se compadecem e que solícitamente, alvoroçadamente acodem, com oportunidade, na hora incerta!

O Padre Roriz, em princípios de 1931, passava já muito mal de saúde.

Eu vivi, então, a dor maior e mais formidável da minha vida, pela morte de minha mãe.

Como eu fiquei, ao dizerem-me: — Sabe quem veio, entre tantos, assistir ao ofício fúnebre? O Padre Roriz.

Como fiquei sensibilizado, ante mais aquela prova da forte amizade antiga, que se manifestava assim com tanta abnegação, em estado tam precário de saúde.

Gaspar Roriz teve sempre um culto fervoroso pela família. E no verdadeiro culto há sacrifício e vítima. Ou não seria verdadeiro culto...

O Padre Roriz compreendeu bem a minha dor — a dor incomparável de perder minha mãe, pelo muito que amava sua mãe.

Daí a tempos, em sua casa, falávamos do amor aos pais, do amor às nossas mãis, ambos com os olhos humedecidos.

— Olha, diz êle, minha mãe — e sorria, chorando, para a querida velhinha — minha mãe é Tereza, como era a tua. E ambas Terezas de Jesus...

Havemos de viver com elas, no Céu, porque somos também de Jesus, — seus ministros.

Como eu poderia falar do seu humorismo fino, penetrante. Mas iria longe...

terável, a sua terra era — *a sua Dama!*

Cavaleiro andante dêste «amor», chegou a ganhar as «esporas de ouro» da popularidade.

Da sua biografia, contudo, não se lhe cantarão *os factos mais notáveis*. A sua acção social, que não foi esteril, projecta o apenas na memória dos homens do seu tempo — como um animador.

Passados meses, quando, — à sua cabeceira — abri as páginas ainda fumegantes de *O meu amor* (fume-gantes, porque foram escritas com lágrimas ferventes, — «sangue da alma» na expressão de Santo Agostinho), — a certo ponto da leitura daquele manuscrito que ninguém mais conhecia ainda, deixei cair meu comovido olhar sobre o rosto do meu venerando amigo, — rosto macerado, rosto de mártir, que estava alagado em pranto.

Ao fim da leitura, irrompeu, em soluços, nesta expansão: *Eia mater, fons amoris!*

E quando a mãe dêle morreu, (pouco precedendo a morte dela à morte dêle), dizia-me:

— Como o Senhor é meu amigo! Vê tu: Certo de que a minha vida se vai apagando aceleradamente e em breve tenho de partir, atormentava-me a idea de deixar as minhas duas queridas velhinhas: minha tia e minha mãe.

A tempo, minha tia foi vítima dum desastre e antecipou-se na viagem...

O maior tormento era pensar que minha mãe, se eu morresse antes dela, sem dúvida nenhuma enlouqueceria.

Mas o Senhor levou a minha mãe antes de me levar a mim. Bemdito seja Deus!

Depondo estas flores singelas, flores montezinas, mas rescendentes, orvalhadas, frescas — sobre a campa do morto querido, parece-me que o oiço, que o vejo, que ainda vive... E vive. Vive na mão de Deus — por certo na Sua mão direita — e vive no meu coração, aureolado por um nimbo refulgente de luz.

Caldas das Taipas.

P.º SILVA GONÇALVES.

A geração que vier, té-lo-á esquecido.

E porque sucede assim?

Porque o padre Gaspar Roriz não fez uma obra construtiva e alicerçada.

Em tudo, êle era o momento que passava; o minuto que vivia; — no estudo e na acção.

Guimarães soube ser grata a êste seu filho.

A. L. DE CARVALHO.

## "Grupo Padre Gaspar Roriz,"

Num ambiente de franca solidariedade e vivo entusiasmo, tomou posse no dia 6 a nova direcção do «Grupo Padre Gaspar Roriz», constituída por um conjunto de valiosos elementos, a que preside o distinto poeta sr. Jerónimo de Almeida, que em prol do engrandecimento da terra está sempre pronto a dedicar o melhor das suas energias e boa vontade.

Num discurso sucinto, mas expressivo, o presidente da direcção cessante sr. António Guise historiou a vida do «Grupo», que no seu activo regista benevolências e elevadas iniciativas dignas de todo o apreço.

Em seguida deu posse à nova direcção, entre aplausos da entusiástica falange dos sócios do «Grupo Padre Gaspar Roriz», que ficou assim composta pelos seguintes senhores:

Presidente, Jerónimo de Almeida; secretário, Aurélio Terra; tesoureiro, Francisco da Silva Correia e vogais: José Maria dos Santos Fonseca e Reinaldo Roriz.

O sr. Jerónimo de Almeida, agradeceu a honra com que o distinguiram e prometeu que, no engrandecimento do «Grupo», dispenderá todos os esforços necessários para que atinja a reputação que o nome do seu patrono exige.

Usaram também da palavra os srs. Américo Ferreira, Aurélio Terra e Reinaldo Roriz, que em nome da família do saudável Padre Gaspar Roriz, agradeceu as expressões de admiração que tributaram a êste illustre filho de Guimarães.

No fim serviu-se um «Pôrto de honra» que serviu de pretexto para calorosos brindes.

Ao «Grupo Padre Gaspar Roriz», a quem se deve, sob o impulso do sr. Américo Ferreira, a homenagem de saúde e gratidão que Guimarães amanhã vai prestar a um dos mais estrénuos defensores do progresso desta terra, apresentamos-lhe as nossas saudações e desejamos à sua direcção todas as facilidades no exercício das suas funções.

## A 2.ª carta do sr. Alves de Oliveira

Em consequência da falta de espaço, só no próximo número daremos publicidade à 2.ª carta que recebemos do sr. Alves de Oliveira.



## DO CONCELHO

Vizela, 6 de Junho

*Epoca Termal* — Nota alegre, o contraste entre o verde do nosso frondoso Parque, maravilha da natureza, e a beleza das damas que em grande número passam algumas horas entre o fresco do arvoredor, em descanso umas, e outras em amena palestra, e, de longe em longe, alguma gargalhada límpida corta o silêncio das flores, demonstrando que a verdura também encobre algum *flirt*, que de quando em quando termina em casamento.

O grandioso Estabelecimento Termal já tem aquele movimento que o caracteriza como prova de que Vizela é a estância de maior fama do nosso país, graças aos métodos que lhe imprimem os seus dignos corpos clínicos e gerentes.

O ilustre director clínico sr. dr. Alfredo Pinto e seu ilustre adjunto Sr. Dr. Manuel António Bravo de Faria, são a certeza dos bons êxitos que fazem o doente ter a esperança em magníficos resultados.

Vizela foi, é e será eternamente a Rainha das Termas de Portugal.

A «sala de espera» como lhe chamou alguém, ou Rua Dr. Abílio Tôrres, à noite, é bem um jardim florido com as mais belas côres, que as gentis damas lhe dão, fazendo um ambiente de bem estar, de movimento e de máxima alegria. Vizela já entrou na sua vida alegre e movimentada, onde o ambiente é de requintado aroma elegante. Com a abertura do Casino Peninsular, as Termas têm outro brilho, e é recordar a tristeza do ano findo com a alegria do presente, motivada pela abertura do casino, onde a colónia balnear passa as horas mais agradáveis, em conversa amena, e, dentro de dias, ouvindo uma magnífica orquestra, a orquestra «Portucalense».

Está, pois, a nossa terra no seu movimento, e ainda aumentando todos os anos, graças às suas miraculosas águas, seus hotéis e hospedarias, e ainda pelo magnífico clima e meios de transporte.

Pelo que nos consta, vai, dentro em breve, reunir uma comissão para organizar as festas da época Termal e a Batalha de Flores. Tudo nos leva a imaginar dias de grande animação.

*Café Universal* — Passou por grandes melhoramentos este estabelecimento, do qual é proprietário o nosso amigo Sr. Adelino Silva, a quem felicitamos pelos seus gostos modernos.

*Capitão Brito* — Já se encontra entre nós o nosso querido amigo Sr. Capitão Brito e sua Ex.<sup>ma</sup> família, pai extremo do comandante dos Bombeiros Voluntários de Vizela e industrial da firma Brito & Gomes, Sr. Alfredo Ferreira de Brito.

*Cine-Parque* — Realizou-se on-

## João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus clientes, as seguintes carreiras com o novo horário de verão, que vigorará até 30 de Setembro:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partida de Guimarães	= =	Chegada ao Pôrto
8 h., 12,30 e 19,15		10 h., 14,30 e 21,20

Partida do Pôrto	= =	Chegada a Guimarães
8 h., 10,15 e 18,30		10,05 h., 12,15 e 20,45

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães	= =	Chegada à Povoia de Varzim
7,15		9,55

Partida da Povoia de Varzim	= =	Chegada a Guimarães
18,50		21,30

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partida de Guimarães	= =	Chegada a Pevidem
7,35		7,50

Partida de Pevidem	= =	Chegada a Guimarães
8, h., 12,30 e 20,55		8,15, 12,45, 21 e 10

AOS DOMINGOS

Saída de Guimarães	= =	Chegada a Guimarães
8,5		8,45

Partida para a Povoia de Varzim  
8,10

tem mais uma sessão com o magnífico filme *O Tenente de sua alteza*. Para o próximo domingo temos o filme *Os cinco cavaleiros malditos*.

Consta-nos que vamos ver dentro de dias o filme português *O trevo de 4 folhas*, o que a ser realidade é mais uma prova de que o Sr. Alberto Pinto é mui digno gerente do Cine-Parque.

*S. Torcato* — Passaram aqui em Vizela algumas dezenas de camionetes, comromeiros que seguiam para a afamada e monumental romaria de S. Torcato.

*Excursões* — Também nos visitaram várias excursões, tendo algumas delas passado aqui o dia.

*Não está certo* — Ao ilustre vereador Sr. Dr. Arménio Caldas pedimos que não consinta a limpeza das ruas de dia, pois dá um mau aspecto, bem como solicitamos a quem de direito que não se deixe de regar as ruas, como nos anos anteriores. — C.

## Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Sub-Agencia de Guimarães

Nos termos ou legislação em vigor torna-se público que durante o mês de Junho findo, foram prestados auxílios pecuniários a diversos combatentes e famílias, num total de quatrocentos e setenta escudos — Esc. 470\$00.

Guimarães, 4 de Julho de 1936.

A Comissão Administrativa.

## A' MARGEM

Sub-secretário das corporações

De visita às fábricas de tecidos de algodão do norte esteve entre nós, como já noticiamos, o ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Rebelo de Andrade, ilustre Sub-secretário das Corporações e Previdência Social.

Sua ex.<sup>a</sup> indagou das condições económicas, do fornecimento de energia eléctrica, e do consumo de algodão colonial, da indústria de algodões; inquiriu a situação social do operariado, salários, horário de trabalho, instituições de previdência, etc.

Conferenciou aqui com o presidente do Sindicato Nacional da têxtil, António Leiras e em Delães com o presidente da secção do S. N. da têxtil, Domingos Fernandes Valente, ouvindo as diversas reclamações que o sindicato e sua secção entenderam formular.

Nas proximidades de Braga procurou também inteirar-se das miseráveis condições de vida dos operários taxinhas, tendo visitado as suas oficinas domésticas e assistido ao fabrico das suas manufacturas.

Nestas visitas andou sua ex.<sup>a</sup> acompanhado pelos ilustres delegados do I. N. T. P. em Braga e no Pôrto, drs. Henrique Cabral e João Cerveira Pinto, e pelo seu secretário particular sr. dr. Pedro Castro e Almeida.

Assim é que os homens do Estado Novo trabalham. Estudando os diferentes problemas nos seus lugares, saindo do Terreiro do Paço e indo ouvir o povo pelas províncias de Portugal.

O Governo, hoje, não se encontra divorciado da Nação.



Dr. Rebelo de Andrade

Na semana passada realizou-se, no Pôrto, um jantar no Escondidinho, oferecido pelos delegados e juizes do I. N. T. P. ao Sub-secretário das Corporações e Previdência Social, ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Rebelo de Andrade. Ao jantar, assistiram os srs. Dr. José Seabra, juiz do Tribunal do Trabalho do Pôrto; Dr. Francisco Machado Owen, juiz do Tribunal do Trabalho de Braga; Dr. João Cerveira Pinto, delegado do I. N. T. P. do Pôrto; Conde de Aurora, juiz no Pôrto e nosso ilustre colaborador; Dr. Henrique Cabral, delegado do I. N. T. P. de Braga; Dr. António de Almeida Faria Lima, delegado em Viseu e Dr. Manuel Seabra e João Moreira, sub-delegados do I. N. T. P. no Pôrto.

Aos brindes falou o ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. José Seabra, enaltecendo a Obra Corporativa já realizada e saudando no ilustre Sub-secretário o Corporativismo Português.

Sua ex.<sup>a</sup> agradeceu a homenagem que lhe prestaram e afirmou a sua fé no Corporativismo.

## Falecimento

Na sua casa de Bugalhós, freguesia de S. Vicente de Mascoteles, faleceu contando 81 anos, a sr.<sup>a</sup> D. Clara Ribeiro Martins Guimarães, irmã das sr.<sup>as</sup> D. Josefa e D. Emilia Ribeiro M. Guimarães e cunhada do saudoso abade de Tagilde, glória desta terra.

Muito considerada pelo seu espírito caritativo esta senhora será chorada pelos pobrezinhos da sua freguesia.

A' família, apresentamos os nossos sentimentos.

## Jogos Olímpicos em 1936

Quem pretender fazer uma viagem à Alemanha por ocasião dos Jogos Olímpicos, a realizar em princípios de Agosto próximo, pode adquirir «Marcos de Viagem», cujo custo é inferior em 45 % ao dos marcos oficiais.

Dão-se informes na casa Manuel Pinheiro Guimarães & C.<sup>a</sup>, Sucessores — P. de D. Afonso Henriques, 106 a 111 — Guimarães.



# Homenagem ao Padre Gaspar Roriz

(Continuação da página n.º 6)

## Merecida Homenagem

O testemunho de recordação e saúde que Guimarães vai prestar amanhã à memória gratíssima do saudável e querido vimezanense sr. padre Gaspar da Costa Roriz, é das homenagens certamente mais sentidas pelo coração de todos nós que ou nascidos nesta terra que foi o seu berço e é de sua sepultura, ou a Guimarães estão ligados como a terra adoptiva, e uns e outros no convívio social tivemos ocasião de conhecer, e apreciar, o valor da sua inteligência, o brilho do seu espírito, a eloquência da sua oratória, a firmeza das suas convicções, a elegância da sua poesia, a maleabilidade inquebrantável, da sua pena de jornalista, a perfeição seneca de Autor e ensaiador, mas, sobretudo — e mais do que tudo — o extremado affecto de filho e de irmão, a bondade do seu coração, a lhanza do seu trato, a sua ternura pelas crianças, os pobres e os doentes, o seu carinho pelos operários, a sua dedicação de Amigo, a sua paixão de bairrista (na pureza lídima da palavra) no seu grande, profundo e entusiasta amor por Guimarães pela qual trabalhou como bom filho.

A essa merecida homenagem quer associar-se *O Berço da Grei*. — Bem é que o faça e tam gentilmente cumpra, mais uma vez com galhardia e elevação o seu dever. *O Berço da Grei* é o mais novo dos jornais de Guimarães — e quem como eu sabe o quanto o saudosíssimo Mestre dos jornalistas vimezanenses amava o trabalho ingrato da Imprensa. — Ele que por tantos anos o exerceu com um aprumo exemplar, superior a insinuações vis do anonimato, a que um dia justamente chamou — *Escória da sociedade* — seguro está de que se a sua pena não houvesse sido pousada para sempre no seu velho tinteiro, o teria a Ele — génio de jornalista de muitas e tam variadas modalidades — como um dos seus mais illustres e apreciadores colaboradores.

Apesar de isto, tem *O Berço da Grei* garantida a sua colaboração — que é o seu exemplo: no amor à terra de Guimarães.

Que nas suas páginas pare sempre o mesmo espírito de dedicação de trabalho, de esforço pelo progresso de Guimarães, sempre com nobreza, sempre com elevação, cada vez mais com maior nobreza e elevação — e terá prestado ao seu Homenageado de hoje e para sempre o melhor testemunho de recordação e de saudade.

EUGENIO VAZ VIEIRA.

## EXEMPLAR MODELO

Várias são as facetas por que podemos encarar a empolgante figura do mais popular e não menos illustre vulto vimezanense dos nossos tempos, o inesquecível Padre Gaspar Roriz.

No constelado firmamento da sua existência cintilaram, como astros de primeira grandeza, a poesia, a oratória sacra e profana, a arte declamatória e dramática, procurando qual delas ofuscar o brilho das outras.

Os seus estros poéticos, as suas inspirações oratórias, as suas invenções dramáticas, por si sós, seriam mais que suficientes para impor a sua insinuante figura à consideração e estima dos seus conterrâneos, porque, nas letras como nas artes que com elas se prendem, éle foi um facho candente, cujo rasto luminoso ainda perdura em polícromas irradiações de uma encantadora e singela beleza.

Segundo, porém, o meu modesto pensar, o Padre Gaspar Roriz onde soube ser mestre inegalável — e como tal o devemos focar no imenso *écran* do voraz egoísmo vimezanense —, foi no amor, na dedicação, no aprêço e estima que sempre consagrou á sua Terra Natal.

O seu talento invulgar, a sua dedicação sem limites, o seu trabalho fatigante e até a sua própria abnegação foram servas fiéis ao constante serviço da cidade que lhe foi berço.

Foi bairrista na verdadeira acepção da palavra, foi bairrista de alma e coração, porque, sem alardear serviços nem arregar às turbas, prestou à sua Terra todos os sacrificios de que a sua alma bem formada era capaz.

Como todos, o Padre Gaspar Roriz teve duas mãis — a que lhe deu o ser e a Terra que o viu nascer.

¿Qual das duas causaria mais e maiores preocupações ao seu lídimo espírito de abnegação? Nem éle o saberia dizer.

Internato, Julho de 1936.

a) P.º GASPAS NUNES.

## Padre Gaspar Roriz

Não podia *O Berço da Grei*, semanário do bairrismo construtivo para engrandecimento da Pátria, calar a memória do saudoso vimezanense P.º Gaspar Roriz. Homenagem embora singela, é sentida.

Padre Gaspar Roriz, que na imprensa foi símbolo de labor e construção, correção e lealdade, que *O Berço da Grei* encaminha no seu «Norte definido».

Que o bom povo de Guimarães não esqueça a figura do grande vimezanense.

# HIGIENE E PROFILAXIA

## ESCARRAR... Cuspír

Não há quem se não sinta constrangido e enojado ao lado do individuo que escarra ou cospe no chão.

O simples ruido provocado pelo acto de desprejar o catarro das vias respiratórias ofende-nos, desagradavelmente, o ouvido; quanto mais o gesto mal educado de lançá-lo fora, mesmo que seja furtivamente.

Não há dúvida de que quem se acha encatarrado é impellido, reflexa e insistentemente, a livrar-se da importuna mucosidade, proveniente dos bronquios, traqueia, naso-faringe ou mesmo de toda a via aérea, como acontece, em muitos casos, aos resfriados, gripados, etc.

Tal é a necessidade imperiosa de desembaraçar-se do catarro, que o primeiro impulso levado a efeito pelos mal educados é lançá-lo, incontinentemente, ao chão, seja das ruas, dos calçados, do soalho, às paredes ou aos seus cantos.

Esse péssimo costume está de tal modo arraigado e generalizado que, não raro, vemos pessoas de posição social, mesmo senhoras, incorrer nesta grave irreverência ao código das boas maneiras, infringindo-o censuravelmente.

Algumas, escrupulosamente, executam-no às escondidas, outras arrancam ostensivamente os produtos da espectoração com estridulo, e projectam-no fora, salpicando com perdigotos os vizinhos incautos.

Não há dúvida, a situação é precária, muitas vezes, na falta de escarradeira, ou mesmo um ralo de águas pluviais para regeitar o esputo, a fim de o não engulir. Mas é preferível lançá-lo no lenço do que projectá-lo, nojentamente, no chão.

## Quadras inéditas do P.º Roriz

Ser maçã! oh! que ventura  
Que flicidade p'ra mim  
Se sentisse a mordedura  
Dos teus dentes de marfim!

S. Nicolau milagroso,  
O' protector dos amantes,  
Deparaí o meu esposo  
Na classe dos estudantes.

Encantadora donzela,  
surgiste no paraíso,  
Não da célebre costela  
Mas do encanto dum sorriso.

O' linda maçã corada,  
Satisfaz os meus desejos:  
Vai dizer à minha amada  
Que és o cofre dos meus beijos.

Canta, canta, mocidade,  
Hinos d'eterno louvor,  
Dá um preito de saúde  
Entoa cantos d'amor,

A' memória estremecida  
D'aquele egrégio cantor  
Que deu alma, que deu vida  
Aos teus sorrisos d'amor!

Salvé, ó filho dilecto  
Da Musa da mocidade!  
Vai p'ra ti o nosso affecto  
Nos gemidos da Saúde!

O acto de cuspir e de escarrar deve ser praticado tam discretamente como o de defecar ou de urinar.

Do mesmo modo por que se não desobriga destas duas necessidades em público, o que seria atentar contra a moralidade, o mesmo deve ser observado em relação ao repulsivo acto em questão, ofensivo aos justos melindres de toda a gente limpa e educada.

No nosso país, grande parte da população despreza esse dever comezinho de hygiene e polidez. Vêem-se escarras por toda a parte, não se obedece aos avisos, mesmo áqueles que ameaçam, como os afixados nas carruagens.

Há pouco tempo tratou desse assunto um nosso illustre colega dizendo: «à fôrça de presenciarem o acto, poucos lhe notam o quanto tem de deprimente para os nossos foros de civilizados». Refere-se aos Estados Unidos da América do Norte, onde quem cospe nas carruagens ou nos combóios sofre uma multa de 500 dólares, isto é, mais de 10 contos de réis ao câmbio actual e, como essa penalidade pode ser considerada insignificante, quando aplicada aos milionários, que lá os há em grande número, a pena pecuniária pode acrescentar-se de prisão, como se lê nos avisos pregados nos elevadores, metropolitanos, carros electricos, etc.

O nosso colega, porém, esqueceu-se de observar que os que não possuem a importância para pagar os 500 dólares são punidos, também, com prisão.

Essa severidade é, certamente, bem compensada: não se espalham micróbios impunemente!

Em muitos países, como, por exemplo, a Alemanha, onde o povo, além de culto e educado, é disciplinado, não se verifica essa infracção. As crianças aprendem na escola a cumprir as regras de civilidade e de hygiene, é quanto basta. Ninguém discute ou é forçado a praticar o que está estabelecido por lei, além de aceite por hábito.

As nossas leis proíbem esse atentado, havendo mesmo penas disciplinares para os infractores. Mas qual... tudo como dantes, no quartel de Abrantes!

Avisos impressos, leis e multas, não bastam para deshabituarem os nossos patricios, mal educados, desse péssimo sestro.

Só o ensino de civilidade e de hygiene, no lar e nas escolas, os conselhos médicos, ou então o encargo severo attribuído à policia de prender os «semeadores de micróbios» como se prendem os anarquistas dinamitadores, poderiam dar resultados favoráveis.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social.